



## JOVENS EXTREMOS: HÁ SABERES NO VÁCUO.

Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo:

Tendo como plataforma de lançamento o interesse de Maffesoli (2005) pela convivência entre imperfeição e estética, ou seja, pela totalidade da vida, proponho um mergulho às profundezas de uma “subcultura” juvenil: o “BONDE DO XARPI” – meninos e meninas moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro que saem em missões pela madrugada, a fim de “espancar” seus “nomes” no próprio corpo da megalópole, ou seja, fabricando seus delitos que evidenciam a ingenuidade de qualquer julgamento cunhado em alguma moralidade. Por meio de conversas e observações aliadas a uma metodologia interminável, este estudo, nietzschianamente, tece críticas à racionalidade moderna cunhada na higiênica moral cristã-burguesa, que na invenção do vácuo, negligencia a existência da pulsão-vida em seus redutos mais sombrios.

**Palavras-Chave:** Juventude; sociabilidade; subculturas; pichação; ensino da arte.

*“A velhice é um tirano que proíbe sob pena de morte todos os prazeres da juventude”.* (LA ROCHEFOUCAULD, 2007, p. 69)

### 1- Uma juventude interminável.

A juventude que me desafiei a aventurar revela o pulular de meu encantamento, exatamente no caráter impossível de sua apropriação como objeto confortante. Sendo assim, esta própria volatilidade da condição juvenil age sobre a concepção do termo “objeto de pesquisa”, conferindo a este, infinitas e imprevisíveis possibilidades transitórias que de fato, rompem com as limitações dicionárias, garantindo assim a expansão de mais um elemento do fazer epistemológico-acadêmico, a hipótese. Esta se juveniliza, se dilata, se desprende de pré-definições, ou seja, torna-se confortável ao aspecto caótico da pesquisa do/no/com o vivido. Será em admiração e simpatia a este orgânico e caótico caráter do acontecimento vida em sua totalidade, que conduzirei este estudo com rédeas frouxas. Totalidade esta que já foi inspiradoramente estudada por Michel Maffesoli, e será utilizando-o como plataforma de lançamento que focarei esta

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social (UERJ); mestrando em educação (ProPEd – UERJ); integrante dos grupos de pesquisa “Linguagens desenhadas e educação” e “Juventude líquida: estética/educação/acontecimento”. Contato: coelhoguga@gmail.com

pesquisa exatamente na “*parte de sombras*” da vida, ou seja, onde os holofotes da moral cristã-burguesa não alcançam.

“... *deformar alguma coisa é incompreensível numa lógica da medida e da utilidade; chega a ser mesmo, no sentido etimológico, uma perversão, que atua na contramão da racionalidade simples. Além disso, o fato de ligar a incompletude e a estética mostra que esta, ao contrário da moral, pode conviver com a imperfeição, ou seja, incorporar a totalidade da vida, inclusive a sua parte de sombras.*” (MAFFESOLI, 2005, p. 78)

Para horror do ser adulto<sup>2</sup>, ou seja, aquele que sob a premissa da proteção, cria a mania pela organização e transforma o menor indício do caos em situações esquizofrênicas, Sílvio Gallo em seu estudo sobre Deleuze afirmou: “*Só a morte vence o caos, só não há caos quando não há nada*” (2003, p. 60). Cabe aqui esclarecer que ao nomear um ser de juvenil e outro de adulto, o faço em simpatia com o conceito de “*juventude dilatada*” de Máximo Canevacci (2005), no qual, a importância vinculada à questão etária é esfacelada. Desta maneira, não há fronteiras fixas e intransponíveis entre a juventude e a idade adulta. A condição juvenil torna-se muito mais relacionada a uma maneira de agir inquieta, fluida e extrema, que a uma idade ideal de transformação. Pode-se pensar nesta dilatação como uma característica ou uma possibilidade própria de nossos tempos, porém, bastou um início de pesquisa arqueológica sobre a juventude, para encontrar indícios desta incapacidade enquadradora baseada em racionalismos etários - em um estudo sobre a juventude italiana entre os séculos XIII e XV, a autora Elisabeth Crouzet-Pavan é bem clara:

“...*as diversas definições socioeconômicas não conseguem senão circunscrever de modo incompleto aquilo que é menos uma classe de idade – a juventude – do que um grupo de homens, os 'giovani'.*” (1996, p.199)

Da mesma maneira, não é mais a entrada para o mundo do trabalho que garante a fixidez do ser adulto. No mesmo estudo citado anteriormente sobre a juventude italiana na era medieval, o trabalho era encarado como uma ferramenta que pudesse ajudar a frear os ímpetos e excessos juvenis que tanto aterrorizavam a ordem de Deus (que se confundia com a ordem social, se não eram a mesma coisa). Com a idade de 18 anos, graças ao procedimento chamado *Balla d'Oro*, adolescentes nobres de Veneza eram sorteados a fim de adquirir a maioridade política precocemente. De fato, esta passagem nunca foi fácil de ser demarcada, e é nesta arena sem cordas que o presente estudo se encontra também. De acordo especialmente com a ocasião, com a quantidade de iluminação do ambiente, torna-se possível o transitar entre o visível e o invisível, entre a luz e a sombra, entre o jovem e o adulto. Os infinitos mascaramentos vão sendo

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, a concepção de jovem e adulto se dá em simpatia com Canevacci (2005), ou seja, a importância moderna da questão etária se esfacela.

escolhidos de acordo com a sagaz habilidade juvenil que, instantaneamente, ativa ferramentas de avaliação, cuja velocidade desafia o tempo de adaptação. Não seria a própria capacidade de em frações de segundo se transmutar entre o adulto e o jovem, um evidente indício da pulsão-juvenilidade?

*“Esse velho e ilustre eu... para dizê-lo em termos moderados, não é mais do que uma hipótese, uma alegação, sobretudo não é uma certeza imediata.”*  
(NIETZSCHE, *Apud* MAFFESOLI, 2005, p. 22)

Em admiração a esta incerteza inerente a ininterrupta construção e desconstrução de identidades traduzidas em “aparências” e apoiado na afirmação “*isso é o que importa, reconhecemo-nos no outro, a partir de outro*” de Maffesoli (2005, p. 24), entendo como campo de estudo privilegiado, as profundezas menos iluminadas da juventude, ou seja, suas “subculturas”. Aqui, me ateno a ligar o prefixo “sub” muito menos a uma negatividade amparada pelo imaginário vertical de valores, como acontece com a palavra “subalterno”; que ao aspecto líquido e deslizando da palavra “subjaz”.

Será, portanto, numa “subcultura” atuante nas madrugadas cariocas que em especial, travarei meu mergulho epistemológico, cuja metodologia será condizente com a minha também condição juvenil, ou seja, possuirá a volatilidade do encontro e da conversa como ponto chave de atuação. Chamo de conversa e não de entrevista, uma vez que, como digo para os próprios jovens pesquisados, acredito mais no contato contínuo e afetuoso, que no distantismo das esporádicas e limpas perguntas prontas, exageradamente pré-formuladas. Tal distantismo é criticado na minha própria prática - o mergulhar de corpo inteiro nas vísceras da “subcultura”, sem dar espaço para sonhos de neutralidade. O papel de pesquisador não dá garantias de proteção e muito menos legítima ou inibe seus impactos, uma vez que como disse, não me interessa pela divisão em lados distintos, mas pela completude do acontecimento vida. É preciso entendê-la em sua eterna co-produção, e a partir daí, viver atento no limite entre o observar e o agir, entre o falar e o ouvir, mapeando cada novo movimento, quais as motivações e o que ele pode ter motivado.

A “subcultura” em questão é o “BONDE DO XARPI” - meninos e meninas (“Até meninas? – se espantariam os/as machocratas) moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro que saem em missões pela madrugada, escalando a cidade o mais alto possível, colocando seus nomes o mais eterno possível, ou seja, fabricando seus delitos que “espancam” a cada nome o que evidenciei acima como a incapacidade de

regramento da vida na surdina. Será vasculhando cada uma de suas “artistagens”<sup>3</sup>, cada um de seus modos de sociabilidade, até mesmo os causadores de náuseas às moralidades burgueso-cristãs, que buscarei atravessar suas capacidades de produzir saberes e conhecimentos, exatamente onde a moral cegamente aplica a ilusão da redução à “vândalos”.

*“Aí, então, se nos entalam, vem uma depredação, e os sabidos do jornal nos lacram, somos chamados de nomes. Vândalos.”* (ANTÔNIO, 2001, p.122)

Antes de entrar de fato nas artimanhas do Xarpi<sup>4</sup>, se faz necessário entender a condição juvenil como principal protagonista do ambiente escolar, que para além de uma instituição, é antes disso um momento da vida, um momento que não só passa, (mesmo que algumas vezes rápido demais), mas que se entranha em nossos corpos e evidencia suas marcas. Há uma escola que continuamente, por toda vida, atravessa nossos discursos, nossas ações. Sobre este atravessar marcador de corpos, Foucault não economizou críticas ao batizá-lo de “*tecnologia do poder sobre o corpo*”:

*“era toda essa tecnologia do poder sobre o corpo, que a tecnologia da ‘alma’ – a dos educadores, dos psicólogos e dos psiquiatras – não consegue mascarar nem compensar, pela boa razão de que não passa de um de seus instrumentos.”* (2007, p. 29)

Será em ressonância a este pensamento, como uma contundente crítica à moralidade cristã, ao mesmo tempo atravessadora e atravessada pela sociedade ocidental ou ocidentalizada, que este estudo nietzschianamente, se propõe a defender o indefensável e assim, denunciar a ilusão e a ingenuidade do higiênico sonho civilizatório cristão, que ao inventar o vácuo, negligencia a existência da pulsão-vida em seus redutos mais sombrios. Há saberes no vácuo. E não seriam eles o que ainda faz pulsar a cidade, a escola?

*“vontade humana de falsificar o mundo, de impor formas ao que é disforme, de simplificar o que é complexo, de regular o que é caótico, de dar sentido ao que é sempre não-senso, de criar o Ser no que não conhece outro estado senão o do devir.”* (CORAZZA, 2006, p. 34)

O mais nefasto desta condenação de potências juvenis adrenalizantes ao vácuo, ao inabitado, é exatamente a tutela da “bondade” que à reveste e à torna não só aceitável, mas amplamente defendida como única saída para a sustentação da limpeza de origem eurocêntrica que neste trabalho, é encarada como a mais dantesca e habilidosa forma de violência, uma vez que atua descorporificada, ou seja, atravessa e

---

<sup>3</sup> Termo criado por Sandra M. Corazza em seu livro “*Artistagens – filosofia da diferença e educação*”. (2006)

<sup>4</sup> Deixarei, durante todo o percurso textual, a palavra Xarpi com “X” maiúsculo, em simpatia a mesma utilização de Canevacci em *Culturas eXtremas* (2005). “*Em suma, o X, pouco a pouco, tornou-se uma espécie de ideograma que, em virtude da fonética inglesa (X = ecs), acabou por incorporar o timbre sonoro do irregular.*” (2005, p. 44).

toma nossos corpos com um sorriso, com uma sedutora simpatia inegável, na qual costumeiramente caímos sem nem percebermos, tamanha a força e agilidade da violência no simbólico. Já no século XIX, o habilidoso Nietzsche lançou sua poética de impacto sobre as “*coisas boas*”, evidenciando o que há sob suas acalmadas mantas protetoras:

*“Ah! A razão, a seriedade, o domínio das paixões, todo esse tenebroso negócio que se chama reflexão, todos esses privilégios e esses atributos pomposos do homem, como custam caro! Quanto sangue e quanto horror repousam no fundo de todas as ‘coisas boas’.”* (2007a, p.60)

Sendo assim, esta pesquisa (ainda em andamento) se dá em constante auto-vigilância a fim de não deixar escapar qualquer vestígio de tais regras burguesas-cristãs “*falsificadoras de mundo*” que, quando menos esperamos, cismam em apanhar nossos calcanhares. É exatamente para me por nos limites mais perigosos da aventura intelectual, que optei por este mergulho em comportamentos radicais, uma vez que assim, fico constantemente frente a frente com o risco de cair no vício reducionista-moralista, ao qual, graças ao intenso apelo jornalístico-escolar-cristão, muitos acabam cooptados.

## 2- “OLHA PRO ALTO!” É O “BONDE DO XARPI”

*“Com efeito, não se pode mais reduzir a arte somente às grandes obras geralmente qualificadas de culturais. Toda a vida cotidiana pode ser considerada uma obra de arte. [...] as perambulações diárias e o lazer não podem ser mais vistos como elementos sem importância ou frívolos da vida social.”* (MAFFESOLI, 2005, p. 12)

Após esta citação, fica claro o caminho em contrapelo à arte instituída que este trabalho percorrerá. Não há como ser de outra maneira, visto o caráter delituoso da própria ação que ao agir onde a lei nega, se potencializa e escancara a própria incapacidade do judiciário em reger a totalidade da vida. Meu interesse está na ação e nas sociabilidades do “BONDE DO XARPI”, ou seja, nas suas “perambulações diárias”, neste caso, muito mais noturnas. Cabe aqui uma rápida retomada ao já citado estudo sobre a juventude italiana na era medieval, no qual surpreende um trecho que de imediato associei à uma possível arqueologia do acontecimento Xarpi - quando diante de uma briga entre dois irmãos e um convidado numa festa de casamento, “*gritos e inscrições injuriosas nos muros acertam as contas da comunidade.*” (CROUZET-PAVAN, 1996, p. 205) Não seria já um indício da cidade como corpo, como expressão textual societal?

Em seus estudos sobre o cotidiano, ou na poética das *artes de fazer*, Certeau evidenciou a política do “dom” como uma “*tática desviacionista*”, a qual, quando analisada em nossa atual economia do lucro ganha em potência transgressora, especialmente aparecendo como “*excesso (desperdício), contestação (a rejeição do lucro) ou delito (atentado contra a propriedade)*.” (1994, p. 89). É neste último que o ato de Xarpi pode ser configurado, uma vez que o mesmo, para acontecer, depende especialmente de uma propriedade alheia, que serve de plataforma ou de tela. Uma tela tomada de assalto.

“*Quem vive de fama é artista, nós da tinta somos arteiros*” (NunoDV em conversa). Nem precisava eu declarar o trajeto contrário à arte instituída, bastava apresentar logo esta “frase denúncia” que ao reduzir a vivência do artista instituído à sua fama, o condena a quase escassez potencial, visto que o arteiro, pelo contrário, potencializa sua “artistagem” na capacidade de astúcia e sobrevivência. No seu ateliê nômade que é a rua, a galera do Xarpi não possui o privilégio do ócio produtivo inspirador, próprio dos bem aventurados gênios da grande arte. Não há tempo hábil para isso, é preciso ficar “na atividade”, escalar com rapidez e precisão; senão “*roda pros cana ou pros segurança*”. Os arteiros do Xarpi não fabricam sua arte, “espancam” seus nomes; não vendem suas obras, às impõem; não assinam a obra pronta, a obra é a própria assinatura que de fato, não convém a todos compreender.

A arte não é “*um fenômeno neutro. A arte deixa marcas em nossas mentes; a arte sempre provoca julgamentos.*” (SMIERS, 2006, p. 122). No caso do Xarpi, tais marcas não se atêm à mente. Para estudar os impactos desta atividade é preciso ignorar tal dualismo entre corpo e mente, e entender o corpo num sentido expandido. Um corpo sem limites, que ao ser criador e criatura da eterna co-produção com o mundo, neste caso, em especial com a cidade, se dilata, rasga seus trajetos na constante produção de sentidos, ao mesmo tempo em que deixa suas cicatrizes no corpo urbano, que também é seu. Levando em conta que “*toda forma produtora de significação para um grupo determinado, pode ser insignificante para outro*” (MAFFESOLI, 2005, p. 24), os transeuntes urbanos, no caso os cariocas, costumeiramente, até mesmo como maneira de se proteger da avalanche imagética globalizada (a ser discutida mais a frente), sequer percebem a ininterrupta sucessão de nomes espalhados por toda cidade. Só são levados a declarar algum julgamento quando colocados de frente com a questão, ou seja, quando possuem um imóvel “espancado”, quando conhecem alguém do Xarpi, e (não reduzindo à apenas estas três possibilidades) em especial, quando a potência da tinta atinge totens

do valor moral cristão civilizatório – imagens santas, monumentos públicos e prédios de valor histórico ou político. Aí, rapidamente a ação jornalística julgadora e “falsificadora de mundo”, imprime ou põe no ar seus ditos já viciados na redução à “vândalos”.



## 2.1- Sociabilidades em poucas letras.

Quando se ouve a expressão anterior de “vândalos”, o discurso jornalístico diminui todo um enredamento de conhecimentos à apenas uma palavra, mas como a vida não é passível de redução, assim como as culturas, as “subs” também escondem suas próprias organizações e ferramentas de sociabilidade. No nosso caso, temos em especial, a criação e composição das “siglas”. Estas são como grupos de pichadores que por afinidade, familiaridade ou bom desempenho na rua, criam seu grupo e o batizam. Como as palavras que dão nome a tais grupos acabam sendo longas demais tanto para a velocidade necessária à sobrevivência do fazer no Xarpi, quanto para a economia da tinta, tornam-se siglas a serem postas ao lado do nome, como identificação de pequenos grupos dentro desta “subcultura”, que é apenas aparentemente pouco habitada.

A importância dada por esta galera à determinada sigla se dá devido aos mesmos aspectos que tornam determinado nome conhecido entre eles, ou seja, a quantidade aliada à qualidade dos “espancamentos”. Quanto mais nomes, quanto mais alto, quanto

maior a dificuldade de escalagem, quanto mais eterno (pedras e pastilhas), mais uma sigla ganha prestígio. A partir de então, torna-se um ciclo onde o prestígio de uns transforma-se em vontade de prestígio para outros. Desta maneira, a co-produção fica evidente: alimenta-se a vontade tanto de tornar-se pichador, quanto de aumentar a frequência das missões, como de ingressar numa sigla ou criar a sua.

*“pra entrar numa sigla não tem segredo. é disposição! vão ver teus nomes, ver q vc tá na ativa e vão te convidar”* (nathDV em conversa)<sup>5</sup>

Hoje, no Rio de Janeiro, entre as principais siglas estão: DV, LF, FR, LD, AR<sup>6</sup>.

Segundo NathDV, se qualquer uma destas te convida, é sinal que você é “considerado”. A poetização evidente nos significados de cada uma delas, deixa clara a vontade de impacto, própria dos arteiros:

DV – Destruidores do Visual. Aqui, o visual é revestido de uma oficialidade indesejada. À medida que vão criando o seu próprio visual, os arteiros desta sigla destroem o visual instituído, ou seja, aquele com “V” maiúsculo.

FL - Foras da Lei. Flagra-se aqui a existência de um certo vilarejo habitado ou trafegado fora da lei. Seria este local o vácuo tão desejado pelo sonho da civilidade?

FR - Filhos da Rebeldia. Nega-se aqui o sentimento paternalista de cunho familiar tradicional. Os pais destes jovens se transfiguram na própria rebeldia que os move no sobe e desce da cidade.

LD - Legião Diabólica. Esta poderia ser a sigla de Nietzsche. Alguém já viu alguma imagem santa gargalhando? Eu prefiro a alegria de viver no riso.

AR - Amantes do Rabisco. Será que os jornalistas taxadores de vândalos, conseguem imaginar a beleza do amor que circula até mesmo em lugares supostamente imbelezáveis?

VR - Vício Rebelde. A intensidade da pulsão-vida evidente na prática, no vício.

De fato, a disposição é o que move os arteiros e suas artistagens, e nada mais empolgante que o ciclo movimentador citado anteriormente. Desta maneira, no interior da “subcultura”, é o coletivo que movimenta as microações. O agir em conjunto multiplica a potência de ação, ou melhor, é talvez a maior de suas forças motivadoras. É exatamente esta coletividade, marcada por tantos sentimentos como o afeto, a amizade e o companheirismo que garantem o pulular de encontros, cuja finalidade é antes do ato de Xarpi, o fortalecimento diário das inter-relações pessoais.

---

<sup>5</sup> A partir de agora, todos os trechos retirados de blogs ou das conversas, serão reproduzidos literalmente, dando vazão a volatilidade escriturística própria da rede.

<sup>6</sup> Com certeza, algumas ainda não foram descobertas, visto o caráter “em andamento” da pesquisa.

*“coisas que só fazem sentido pela presença do outro, pela presença diante do outro e que, também, para retomar uma observação de Memórias de Adriano, conduzem à ‘elaboração de um sistema de conhecimento humano baseado [no] contato’ (MAFFESOLI, 2005, p. 19-20)*

Em meio a tais criações e agrupamentos, de fato, não há como negar a iminente sensação de competição. Sensação esta, que dificilmente gera conflitos violentos, agindo muito mais como animadora de novos encontros e novas missões. *“Se o kra da VR é pica máximo em pegar topos, eu da DV vou kerer ser tb”* (nathDV em conversa). É nas “reús”, como são conhecidas as reuniões semanais entre pichadores de diversas siglas, que tal pulsão agregadora da competitividade aliada à afinidade e amizade (de fato, três sensações que convivem e se confundem) fica evidente.

## **2.2- Hoje tem Reú!**

Semanalmente, em diversos bairros da cidade, praças públicas são escolhidas, graças à segurança do trânsito contínuo de jovens, como ponto de encontro onde diversos pichadores, dos mais diferentes bairros se encontram. Lá, entre uma brincadeira e outra, são narrados os “espancamentos” mais marcantes da semana; ficam conhecidos os rostos que antes eram apenas nomes; são comentados as situações de perigo, ou até mesmo as “rodadas”<sup>7</sup>; são trocadas novas táticas de atuação; são formadas novas siglas; são negociadas e resolvidas as possíveis rixas; mas tudo regido pela informalidade própria de um encontro juvenil.

Entre tais acontecimentos, a negociação das rixas é mais uma ferramenta de sociabilidade importante para a manutenção e certa organização da “subcultura”. A principal causa são os “atropelos”, quando por descuido ou por intenção, a tinta de um nome esbarra ou passa por cima de outro. De todo modo, assim como não existem lideranças centrais, a resolução de tais situações se dá, na maior parte dos casos, por meio da conversa entre as partes envolvidas, ou entre as siglas pertencentes. Uma desculpa pública por meio da inserção de um “foi mal” ao lado do nome, geralmente resolve.

Uma outra prática muito comum nas reús são as trocas de assinaturas, cobiçadas especialmente por aqueles que se ocupam em organizar pastas a fim de garantir a documentação e a história desta “subcultura”. Risca-se o nome numa folha de papel, que vai direto para as pastas destes colecionadores. Afinal de contas, qual cultura não se

---

<sup>7</sup> Quando são flagrados e sofrem represálias de policiais, seguranças ou moradores.

ocupa em preservar sua história, seus atores, seus feitos? Mas não só de nomes é composto tal acervo, alguns vão além e arquivam, inclusive digitalmente, todas as matérias veiculadas pela mídia que de alguma maneira se ligue ao Xarpi. Seja uma denúncia ou um “patrimônio ultrajado” como na foto anterior, tudo vai para o acervo. Um acervo que ganha vida e respira na própria volatilidade da internet, em especial nos fotologs<sup>8</sup>, os quais por estarem facilmente interligados por meio de hiperlinks, tecem uma rede diária de visitas e possibilidades de comentários. Neles, acontece de fato, a expansão das reús, que hoje, não se limitam mais à praça, ganharam a rede, se dissiparam entre as trocas de mensagens pelo fotolog, os scraps do orkut<sup>9</sup> e as cada vez mais lotadas reús virtuais pelo MSN<sup>10</sup>, que costumam acontecer toda quarta-feira.

Nesta era do “xarpi digital”, um blog ganhou destaque por ser, talvez, o único a focar exclusivamente o tema da pichação. Falo do “Paginas de Tinta”<sup>11</sup>, o qual, quase que diariamente publica longas entrevistas com os diversos atores deste “Bonde do Xarpi”. Mesmo tendo as entrevistas como principal tipo de postagem, o blog também já abriu espaço para artigos, notícias e até mesmo histórias de consagrados pichadores falecidos, como o lendário “CAIXA”. Sendo assim, as pastas, os fotologs, as comunidades do orkut, os posts do “Paginas de Tinta”, e finalmente as reús, caso mantenham esta intensa troca de informações e materiais, já podem de fato, garantir a existência de uma biblioteca do Xarpi carioca.

#### **2.4- Qual o tamanho do seu Outdoor?**

Alguém consegue percorrer qualquer distância em uma megalópole sem ser seduzido por algum atrativo visual? Vivemos em uma sociedade cujo globalismo talvez mais evidente seja a hegemonia do visual – categoria do sentido que, como todo agenciamento, intensifica seu caráter ativo quando este é revestido por uma passividade em cujas vísceras, algo simbolicamente violento circula.

Fica evidente aqui o papel central da linguagem publicitária, a qual cada vez mais troca o uso permitido do espaço público para constituir-se no próprio espaço público da metrópole. Enquanto isso, nós, corpos circulantes somos reduzidos, especialmente por jornalistas cooptados, a dados, que evidenciam em números o que

---

<sup>8</sup> Serviço online de armazenamento e exposição de fotos.

<sup>9</sup> Site de relacionamento mais utilizado no Brasil.

<sup>10</sup> Programa de mensagens instantâneas mais utilizado no Brasil

<sup>11</sup> <http://www.nunodv.blogspot.com>

Foucault (2007) denunciou como o desejo por corpos dóceis, ou seja, submetidos ao poder moral disciplinador, que hoje se liquidificou para além da instituição escola, ganhando espaço nos discursos oficiais dos “bons” que, sob a tutela do sonho civilizatório pilariza seus privilégios.

De todo modo, como Foucault (2007) salientou, o desejo por tais corpos dóceis, evidentemente não resulta em corpos obedientes. De fato, o que é recalcado por tais aparentes “bondades”, encontrará na potência juvenil urbana, um espaço convidativo para sua necessidade de eclosão. Um indício de tal potência é exatamente o protagonista deste estudo - o “Bonde do Xarpi”.

A fim de discutir alguns pequenos aspectos desta relação conflituosa entre espaço público x pichação x publicidade, lançarei mão de três fotografias:

Se um destes jovens comentasse esta foto, poderia dizer: “Cara esse paredão é mó mídia!”, uma vez que fica de frente para duas das principais vias do Rio de Janeiro. Desta forma, se valem dos mesmos valores da publicidade “bonita” para no interior deles deixarem um gosto de “corpos amargos”. Um amargo que de fato se



transfigura também pela potência evidenciada no próprio corpo que escala a cidade. Da Pavuna ao Leblon e do subsolo ao 10º andar.

Nesta mesma rua, especialmente no final da década de 80, se consagra o graffiti. Arte que por primar pela composição e expandir seu leque de cores, acaba sendo mais facilmente cooptada por certa moral estética. De todo modo, estes jovens se permitem a livre hibridização de identidades. Muitos deles trafegam confortavelmente entre o graffiti e o “Xarpi”, quase que como entre o mundo e o submundo.

*“fazem ateh junto as vezes ..  
meu primo diz que grafita so  
pra pixar .. em volta do grafite  
sempre tem varios nomes”  
(Dynha em conversa)*

Falo do graffiti, uma vez que a próxima foto é de um. “A vida que Deus me deu não é a que meu pai escolheu”. Enquanto Nietzsche em seu



“O Anticristo” (2007) do século XIX ainda se amargurava pelo fato da humanidade cristã-ocidental, ter passado quase dois mil anos sem criar um único Deus; na nossa pós-modernidade até Deus se hibridiza. Fica evidente que o Deus aqui enunciado não é o mesmo paternalista de Nietzsche. Se aquele mesmo Deus moderno ainda vivesse, de maneira nenhuma daria a alguém, uma vida de “pichador”. Se por acaso isso acontecesse, o pecador deveria ser duramente “consertado”. Porém, hoje, com um Deus irremediavelmente plural, o Deus do filho não é mais o mesmo para o qual o pai reza.

Já a terceira foto, deixa evidente a sina publicitária em “limpar” e capitalizar ações cuja potência emancipatória causem o gosto “amargo”. De todo modo, tais estratégias jamais conseguirão reduzir as táticas cotidianas (CERTEAU, 1994) destes agentes urbanos aos departamentos financeiros, educacionais e civilizatórios.



Em suma, a vida não é só aquilo que se vê, ou que se é induzido a ver pelo globalismo dos mercadores de sentidos (RONSINI, 2007). Há vida nos subsolos, nos submundos, nos localismos extremos.

### **3- Na escola, eu Xarpi no banheiro.**

Após evidenciar por uma série de noções, a força da condição juvenil como protagonista, assinalo nas suas “artistagens” cotidianas um campo primordial para quem busca pensar os desafios da educação, especialmente no campo do ensino da arte e seus possíveis “des”limites curriculares. De que maneira a arte entendida não como instituição, mas como a própria produção estética inerente à juvenilidade, pode vir a tomar corpo na construção cotidiana do currículo, ou seja, de um currículo volátil?

*“a própria moral é unicamente uma interpretação de certos fenômenos [...], uma interpretação equivocada. [...] O juízo moral não deve ser tomado nunca ao pé da letra.”* (NIETZSCHE, apud LARROSA, 2005, p. 29)

Ao dismantelar a moral atribuindo a ela a noção de “*interpretação equivocada*”, ou seja, de criatura ou invenção de necessidades humanas, ou de determinados humanos, Nietzsche propõe diferentes caminhos para a aventura do

pensar epistemológico, ou seja, um pensar que ponha em cheque exatamente os valores aparentemente, ou naturalmente inquestionáveis. É neste campo do colocar em cheque a naturalidade só aparentemente passiva, que Taylor em seu *Arte: inimiga do povo* afirma:

*“deve haver alguma consciência de que o conhecimento do mundo da arte está relacionado à hierarquia social, e que não ter tal conhecimento significa ser excluído dos grupos que detêm poder e status.”* (2005, p. 31)

Desta maneira, a discussão neste momento se dará exatamente, na necessidade de eclosão do que foi recalcado sob as premissas de uma “bondade” moral, de uma positividade, muito evidente em diversos estudos sobre a educação e a arte, especialmente sob a tutela benfeitora do “educar para civilizar” ou da *“verdadeira arte [que] torna possível uma consciência mais ampla e profunda [do] desenvolvimento [humano]”* (LUKÁCS, *apud* TAYLOR, 2005, p. 111).

*“Hoje, a aspiração dos arte/educadores é influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes”* (BARBOSA, 2005, p. 98). Depois de tamanho mergulho no cerne de uma “subcultura” tão rechaçada pela moral que sustenta esta última citação, não há como não por em cheque este *“influir positivamente”*. É evidente neste caso, a cicatriz deixada pelos atravessamentos morais que sorrateiramente marcam o ensino da arte e a vida. Após sair marcado e com uma respiração acelerada, mas com fôlego redobrado para novas incursões, deste mergulho, não há como não desconfiar de qualquer ação educativa, que já em seus primeiros dizeres evidencie uma benesse sobre o *“desenvolvimento cultural”* do outro. Assim como *“uma obra de arte só tem sentido para os que nela se reconhecem e para quem a criou”* (MAFFESOLI, 2005, p. 24), este *“influir positivamente”*, tão corriqueiro nos estudos sobre o ensino da arte, só fará sentido para quem nele sustente algum privilégio, ou para quem dele necessite como afirmação e conforto. É neste sentido que *“a vida de ‘alta cultura’ não faz parte do cotidiano das massas, embora seja necessário um conhecimento considerável nesse campo para o sucesso acadêmico.”* (TAYLOR, 2005, p. 72)

*“A Rua educa / Com uma educação bem diferente / Já cai, já levantei / E já nadei contra a corrente”* (Leonel – Rap do Xarpi)

Ao estudar as orientações curriculares para o ensino médio (volume 1, 2006), em especial no campo das artes, fica evidente sua ênfase em relacionar sempre o aprimoramento técnico com a contextualização nas manifestações concretas da linguagem, ou seja, com acontecimentos da vida no cotidiano, que de alguma maneira

evidencia organicamente a utilização de tais técnicas, a fim de tornar o aprendizado mais “*atrativo e interessante*” (*op. cit.*, p. 185).

A questão não é criticar o que está em tais orientações através de um romanceado encanto pelo “Bonde do Xarpi”. Cair neste perigo seria sinal de ingenuidade. O que proponho é flagrar a incapacidade deste ensino da arte, que amparado apenas por suas atrativas e interessantes técnicas evidenciadas em algumas produções cotidianas, age e discursa quase como um “salvador de almas”, ou seja, que trabalham no objetivo de fazerem os estudantes cada vez mais se reconhecerem e criarem na instituição lucrativa da arte.

Basta dilatar, maffesolianamente, o entendimento da Arte para toda a profusão estética da completude vida, seja no sombrio ou na multidão, para evidenciar o interesse do instituído por uma estética moralizadora. Quando um pichador aprende as técnicas de “*ponto, linha, forma, plano, textura, cores, [...] Efeitos de movimento, ritmo, peso e direção visual. Efeitos de volume, profundidade espacial, representação em perspectiva, entre outros*” (*op. cit.*, p. 184), passa a grafitar, mas as usa inclusive como tática de segurança, visto seu maior aceite social e escolar, para garantir suas escaladas noturnas e seus “espancamentos”, torna-se inegável a valorização da adrenalina, da pulsão-vida, como ferramenta e plataforma de obras artísticas juvenis.

Em suma, “*se o texto da moral, esse texto inscrito em nosso próprio corpo e cuja origem podemos ler no passado da Humanidade, se esse texto é agora uma interpretação, trata-se então de atrever-se a lê-lo de outra maneira, de forçá-lo a mostrar um sentido diferente*” (LARROSA, 2005, p. 29).

"Não sou formado / Mas sou informado" (Leonel – Rap do Xarpi)

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.) *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos da metrópole*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens – filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CROUZET-PAVAN, Elisabeth. Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval (séculos XIII – XV). In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *História dos jovens: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GALLO, Sílvio. *Deleuze & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LA ROCHEFOUCAULD, François. *Máximas e reflexões*. São Paulo: Editora Escala, 2007.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*. 2. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

*Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: ensaio de crítica do cristianismo*. São Paulo: Escala, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. São Paulo: Escala, 2007a.

RONSINI, Veneza V. Mayora. *Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SMIERS, Joost. *Artes sob pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização*. São Paulo: Escrituras Editora: Instituto Pensarte, 2006.

TAYLOR, Roger. *Arte, inimiga do povo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.